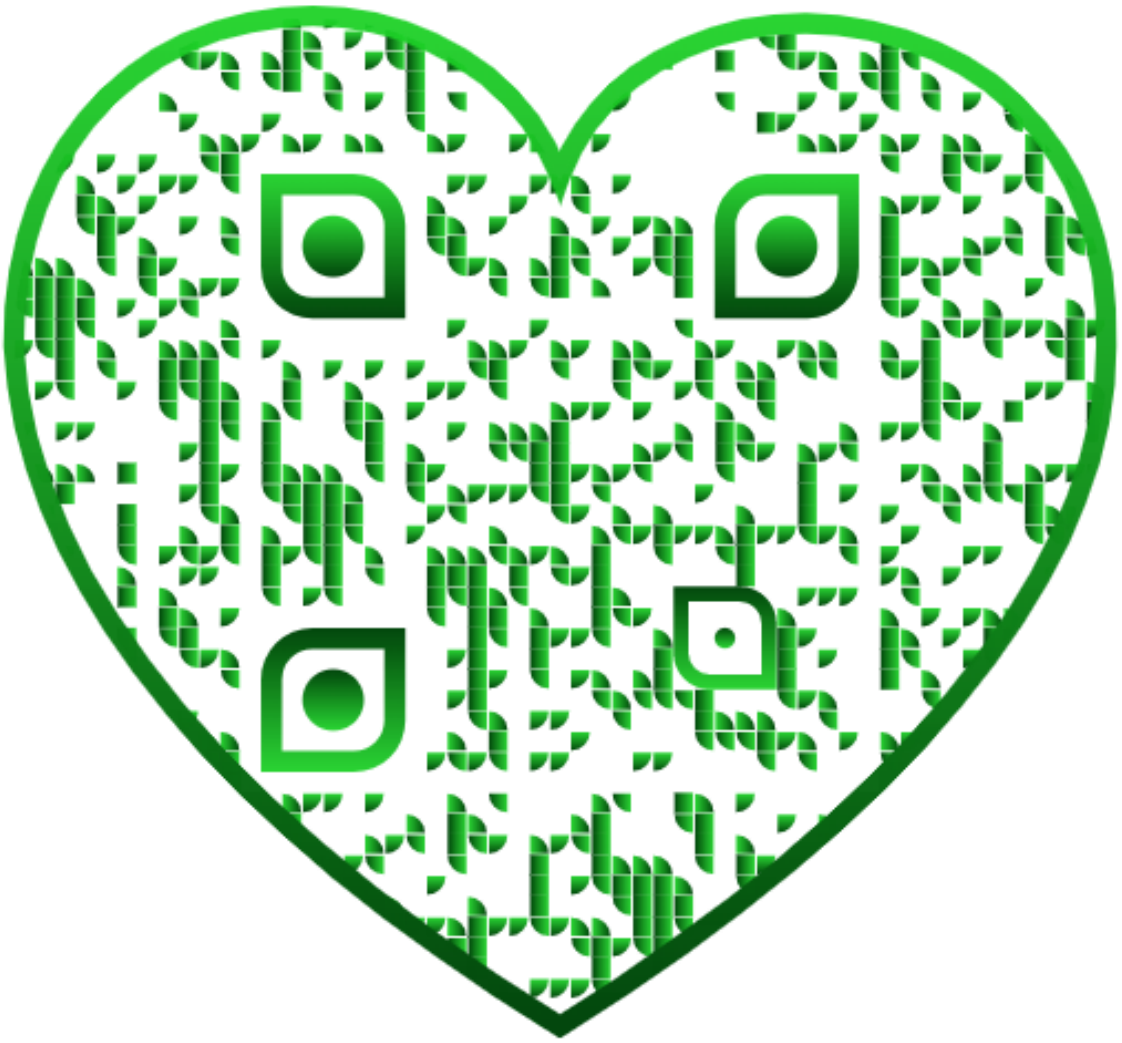
EDIÇÃO #51 | **SETEMBRO 2024** | GRATUITA

SOUND

ROMANCE DE FONTAINES D.C.

ENTREVISTA LOS BITCHOS

I GOT HEAVEN DE MANNEQUIN PUSSY



SOUNDSCOUT

EDIÇÃO DE SETEMBRO

soundscout.pt

soundscoutoficial@gmail.com
(+351) 935946600
Guimarães

@revistascout
@revistasound
@SoundScout

setembro 2024

sound #51

04 Editorial

05 Sonus Art Fest 2024

06 Romance de Fontaines D.C.: O nosso lugar favorito

10 Entrevista Los Bitchos

18 Moodboard Paredes de Coura e Kalorama

22 A música para definir os vintes dos Mannequin Pussy

setembro 2024

Ficha técnica:

Diretores: Filipe Carvalho, João Lemos e Pedro Carvalho
Chefe de redação: Filipe Carvalho
Redação: Filipe Carvalho, Mariana Magalhães, Pedro Carvalho, Miguel Rocha
Social Media Manager: João Lemos
Web development: João Lemos
Design gráfico: João Lemos,
Revisores: Filipe Carvalho, Pedro Carvalho
Agradecimentos Los Bithos
Créditos: Filipe Carvalho, Los Bitchos

Em todas as imagens reproduzidas pela revista e/ou respectivo site, foram respeitados os seus devidos diretos de autor e devidamente referenciados na ficha técnica. Desta forma, não pretendemos infligir quaisquer danos aos seus respectivos autores, colocando sempre em evidência a sua justa e respeitada utilização. A SOUNDSCOUT apenas as utiliza de forma livre e referenciada não obtendo quaisquer lucros pela sua utilização.

Mail: soundscoutoficial@gmail.com
Telemóvel: 935946600
Instagram: revistasound
Facebook: Sound Scout
Twitter: soundscout_pt

Website: soundscout.pt

Guimarães

Edição número 51 da Revista Sound, que regressa com novidades festivaleiras. O Sonus Art Fest confirmou os nomes que compõem o seu cartaz. Maruja, Blue Bendy, MAQUINA. e Children of the Pope irão passar pelo Teatro Jordão, no próximo dia cinco de outubro, numa noite que promete! Bilhetes à venda na plataforma Xceed e no Oub'lá.

Regressando ao que importa neste momento: a edição deste mês da Sound. A equipa da revista esteve à conversa com a banda pancontinental (oriunda de Londres) Los Bitchos. A baterista Nic Crawshaw e a teclista Agustina Ruiz falaram um pouco sobre o crescimento da banda até ao lançamento (posterior à entrevista) do segundo álbum do grupo Talkie Talkie.

Por falar em álbuns, 2024 tem sido um ano cheio de grandes lançamentos, esses que têm sido a banda sonora dos dias que passam. Miguel Rocha tem o mais recente disco dos Mannequin Pussy, I Got Heaven (editado no passado mês de março) em repetição desde o seu lançamento. Aproveita, por isso, para falar um pouco dele este mês na Sound.
Outro álbum que tem tido imenso destaque nos últimos meses, é Romance da próxima "banda de estádio" Fontaines D.C.. A Mariana Magalhães escolheu-o como tema do seu artigo, onde nos escreve sobre o que pensa sobre o disco.

Para concluir, depois de um mês "concorrido" de festivais, fazemos um recap em fotografias do Vodafone Paredes de Coura e do Meo Kalorama.

Como sempre, esperamos que esta revista seja do agrado de todos vocês e não se esqueçam, se tiverem alguma dúvida ou até uma história que queiram partilhar connosco, não hesitem em contactar-nos!

Filipe Carvalho

SONUS

GUIMARÃES ▪ @sonusartfest ▪ 2024

CONCERTOS
TEATRO JORDÃO

10€ EARLY BIRD / 12€ LAST WEEK

MARUJA UK
CHILDREN OF THE POPE UK
BLUE BENDY UK
MAQUINA. PT

SHOWCASES + EXPOSIÇÕES
JARDINS DA FRATERNA

ENTRADA GRATUITA

SAFARI ZONE * LUÍS CONTRÁRIO * JUNE CAROUSEL + RITA MELO * JOANA RODRIGUES * EDUARDA CRAVEIRO * NNATILDE * JOANA DE CARVALHO * SOFIA CALVET * SOFIA MORIM * PEDRO ALMEIDA

Organização

SOUND

Apoios

Ouh 'Lá · GUIMACRIL · multilabel · maamstyle

Parceiros Institucionais

MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

REVIEW

★★★★★★★★★☆

Romance de Fontaines D.C.: o nosso lugar favorito

Os Fontaines D.C. têm andado no radar desde que se estrearam em 2019. A sua história começou por inspirar-se nas raízes irlandesas e no gosto coletivo pela poesia. No entanto, desde *Dogrel*, têm vindo a afastar-se cada vez mais da Irlanda e, consequentemente, contemplado o que há além dela. Com o seu mais recente *Romance*, lançado a 23 de agosto, apresentam-nos um capítulo totalmente novo: néon, gótico, arrojado, expansivo, experimental. Contando com a produção de James Ford, conhecido pelo seu trabalho com os Arctic Monkeys, Gorillaz, Blur, Florence and the Machine, entre outros, o post-punk cru, a que até agora nos habituaram, dá lugar a novas sonoridades, nomeadamente a de rock alternativo, por entre outras surpresas. O título indica o tema central desta empreitada e é visitado sob vários prismas ao longo do álbum.

O LP começa de forma assombrosa e algo mística. O piano, teclados, baixo e percussão juntam-se para formar um som algo sinistro. O nevoeiro abre-se brevemente quando Grian canta *"Maybe romance is a place"*, para logo voltar a cair no ambiente lúgubre. A tridimensionalidade de chamar ao romance um lugar associa-lhe complexidade, que é específica a cada relação e que contém simultaneamente desejo, dor, vulnerabilidade e compromisso. Ao mesmo tempo, a ideia de o romance ser um lugar, um destino, também contempla uma jornada que só pode ser caminhada no seio do relacionamento em questão e ao qual nem todos chegam. Este primeiro tema estabelece a energia para todo o disco: uma ansiedade e inquietação avassaladora provocada pela vida e sociedade moderna.

Esse sentimento é bastante bem retratado em "Starbuster". Esta é a canção que mais se afasta da música feita até agora pela banda, tendo constituído uma escolha ousada para primeiro single. Com uma componente lírica de hip hop e um ritmo acelerado, ouvimos versos que parecem um fluxo de pensamentos em espiral e um refrão em que Grian solta suspiros ofegantes. Assim, soa precisamente ao que a inspirou: um ataque de pânico. Esta sensação transcende para a faixa seguinte, "Here's The Thing", com versos circulares e sentimentos contraditórios que de alguma forma cabem todos no universo de romance criado ao longo do álbum.

Ao longo do disco, por várias vezes, a escuridão é confrontada com vislumbres de clareza e pura beleza. Isso acontece logo na primeira faixa, mas também no interlúdio de "Starbuster". "In The Modern World", uma canção mais sonhadora que as restantes, com cordas e coros que nos lembram Lana Del Rey, aparece como outro destes momentos em que é encontrada paz em relação às ansiedades tão cravadas no álbum. Também *dreamy*, mas numa perspetiva mais shoegaze, temos "Sundowner", a primeira canção dos Fontaines D.C. em que a voz principal não é a de Grian, mas sim a do guitarrista Conor Curley.

"Horseness is the Whatness" (referência a James Joyce, uma grande influência da banda) é talvez a música mais bela do álbum. Soa ao momento que conduz a uma grande revelação enquanto se navega por uma tempestade. Com uma letra poderosa, como se gritasse aos ventos "qual é o sentido de tudo isto?", esta ambiência é também criada por cordas e uma percussão que geram uma sensação de urgência.

"Romance" - 2:33
"Starburster" - 3:41
"Here's the Thing" - 2:43
"Desire" - 3:39
"In the Modern World" - 4:26
"Bug" - 3:02
"Motorcycle Boy" - 3:42
"Sundowner" - 3:25
"Horseness Is the Whatness" - 3:07
"Death Kink" - 2:23
"Favourite" - 4:16

Muitas vezes se ouve que o melhor fica para o fim, e apesar de eu achar difícil escolher a melhor canção entre um conjunto tão bom e brilhantemente executado, "Favourite" fecha o álbum e fá-lo em grande. Sendo a música favorita da banda até à data, é também a mais pessoal. Acredito que esta seja a canção que terá uma vida mais longa. Carregada de nostalgia, que apenas irá crescer com o tempo, será um dia o hino do verão em que os Fontaines D.C. nos cantaram sobre romance, amor, inquietação, paz, sobre as dores de se ser uma pessoa na sociedade moderna.

Muito mais poderia ser dito sobre este álbum. Cada faixa é densa em significado e em sonoridade, e a cada audição é descoberto um novo pormenor. Incrivelmente rico e bem produzido, *Romance* veio mostrar quanto os Fontaines D.C. evoluíram enquanto artistas. Não deixaram nada para trás, apenas acrescentaram ao que já eram e foram capazes de atingir um novo patamar – tanto artístico como na sua carreira.

Há cinco anos, eles avisaram para o que vinham. No seu primeiro álbum *Dogrel*, em "Big", cantam *"My childhood was small, but I'm gonna be big"*. Agora, o seu quarto álbum de estúdio *Romance* é a prova de que falavam a sério.

Los Bitchos

Talkie Talkie é o mais recente álbum das Los Bitchos. A banda pancontinental, sediada em Londres, apresentou-o em Paredes de Coura e aproveitamos para estar à conversa com Agustina Ruiz e Nic Crawshaw (duas das quatro membros do grupo).

Sound: Como é que tem sido a estadia em Portugal? Estão a gostar?

Nic Crawshaw: Sim, nós já tínhamos tocado no Super Bock Super Rock há dois anos, em Lisboa. Adoramos e também gravamos um videoclipe aqui em Portugal, para a canção "Don't Change". Filmámos em maio, em Faro. É lindo. As praias são espetaculares.

"O novo álbum é um pouco diferente do primeiro. Ainda instrumental, mas talvez com um pouco mais de "gritos" e mais 'anos 80'."

S: Gostaria de abordar *Talkie Talkie*, o vosso mais recente álbum. Para quem ainda não ouviu, o que pode esperar dele?

Agustina Ruiz: É um pouco diferente do primeiro. Ainda instrumental, talvez com um pouco mais de "gritos" e mais "anos 80", de certa forma.

NC: É uma produção um pouco mais polida, e experimentámos mais sons de diferentes sintetizadores, sons de bateria eletrónica e também há um sintetizador de baixo. Acho que quisemos construir algo a partir do primeiro disco, mas também fazer algo que fosse um pouco mais elevado e que nos esforçasse um pouco mais em termos das partes que tocamos e dos diferentes elementos que adicionámos.

“Londres é um sítio difícil para fazer música porque é caro viver lá e, particularmente como músico, toda a gente está a tentar pagar a renda e a ter múltiplos empregos.”

S: Vocês acabam por ser uma banda multicultural, tendo em conta que possuem nacionalidades diferentes. Como é que acabaram por se conhecer em Londres?

NC: Londres é uma cidade tão multicultural, há pessoas de todo o mundo a viver lá, o que é espantoso. Uma das coisas que mais gosto na cidade é o facto de podermos conhecer pessoas de todo o lado. Por isso, sim, de certa forma não é surpreendente.

AR: Sim, estávamos todas a viver lá, conhecemo-nos através de algumas festas e de amigos em comum de outras bandas.

S: Tendo em conta o que acabaram de referir, como é que isso acaba por impulsionar a cultura musical da cidade?

NC: Acho que Londres é uma cidade tão vasta, tão grande e, como estávamos a dizer, há pessoas de todo o mundo, muitas culturas diferentes, muitas origens diferentes. Sabes, desces uma rua e encontras tanta diversidade, é lindo, por isso não é surpreendente que seja muito rica culturalmente em termos musicais. É também um sítio difícil para fazer música porque é caro viver em Londres e, particularmente como músico, toda a gente está a tentar pagar a renda e a ter múltiplos empregos, mas acho que as pessoas encontram sempre uma maneira.

AR: Estão sempre a aparecer novas bandas, nova música e isso é fantástico.

S: Como é que foi essa luta para vocês conseguirem singrar numa cidade que acaba por ser muito competitiva?

NC: Acho que temos muita sorte em termos conseguido dar prioridade à banda. Todos nós temos outros empregos para os quais podemos voltar sempre que for preciso. [risos]

"Houve uma época em que todos os alinhamentos dos festivais eram muito indie e rock, e acho que isso mudou muito."

S: Acham que o vosso estilo musical, o facto de a vossa sonoridade ser pouco usual, acabou por ser um dos principais fatores para a banda conseguir singrar?

NC: Sim, talvez. Acho que as pessoas estão sempre à procura de algo diferente e novo e, atualmente, estão recetivas a tudo, o que é ótimo. Acho que agora as pessoas ouvem música, online, de tantos géneros diferentes e isso abriu os horizontes. Acho que houve uma época em que todos os alinhamentos dos festivais eram muito indie e rock, e acho que isso mudou muito.

S: Numa entrevista passada, a Serra Petale referiu que vocês queriam soar como "uma mistura entre os Van Halen e os Cocteau Twins – só que da Turquia". Acham que chegaram lá?

AR: Sim, isso é algo que a Serra diria... [risos] Eu acho que fazer música instrumental permite que as pessoas sintam e vejam tudo aquilo que quiserem. Não ter letras acho que ajuda.

S: O vosso estilo de música é muito inspirado na Cumbia. Acham que de alguma forma têm influenciado alguns novos projetos que também rondam essas sonoridades?

AR: Acho que não, acho que a Cumbia existe desde sempre, acho que ainda não temos esse poder para influenciar.

S: O que é que ouves?

AR: Eu ouço muito rock sul-americano dos anos 70. Sou da América do Sul, por isso adoro o rock uruguaio e argentino dos anos 70. Volto sempre a isso.

"Eu acho que fazer música instrumental também permite que as pessoas sintam e vejam tudo aquilo que quiserem."

S: Embora vocês venham de culturas bastante diferentes, parece fácil concordarem quando estão em processo criativo. Como é que o conseguem?

NC: Geralmente, o que acontece é que a Serra partilha connosco *demos* que trabalhou em casa e, muitas vezes, é uma canção praticamente completa. Depois, vamos para uma sala de ensaios e todas nós damos o nosso próprio cunho pessoal.

S: Nessas demos, a Serra toca todos os instrumentos?

NC: Sim. Depois quando tocamos todas juntas, surgem algumas ideias e a coisa evolui novamente. Acho que quando começa a envolver um produtor e entramos no estúdio, as coisas passam para outra "mudança" ou outra evolução. Por isso, não, não parece que haja nenhum tipo de desacordo, mas acho que cada uma coloca naturalmente o seu próprio estilo.

S: Então, o produto final acaba por não ser muito diferente da demo original…

NC: Sim, de alguma forma. Algumas mais do que outras. Algumas das canções estão muito próximas da demo original e outras passam por uma "viagem" um pouco maior, suponho.

S: Já tiveram o privilégio de estar em tour com nomes como Pavement, Mac DeMarco, Franz Ferdinand e King Gizzard & The Lizard Wizard. O que retiram dessas experiências?

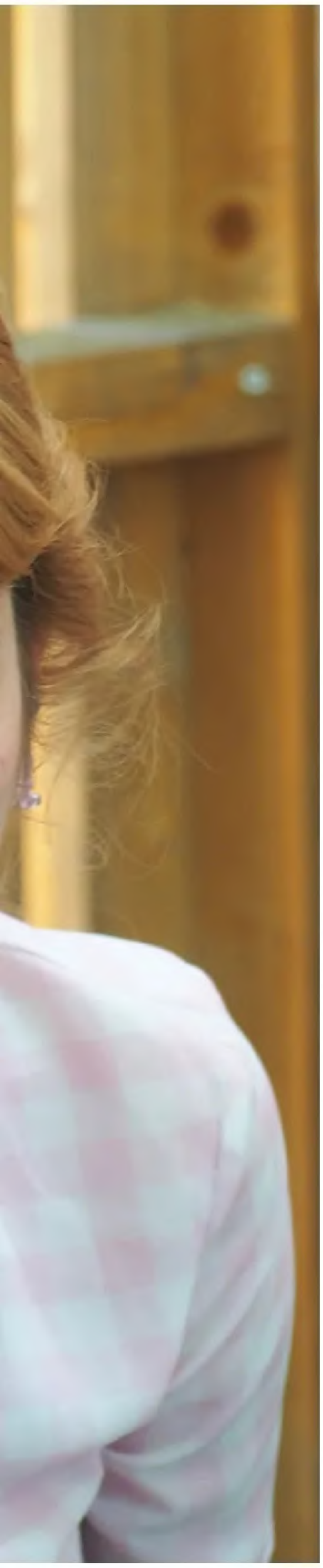
AR: Nós inspiramo-nos muito em músicos talentosos e quando andamos em digressão com eles acaba por nos inspirar em sermos melhores músicos. É uma ótima experiência.

S: Alguma banda que gostariam que abrisse para vocês no futuro, quando fizerem uma grande tour?

NC: É assim, nós já estamos prestes a fazer uma grande digressão no outono com os Faux Real. Eles vêm connosco e isso é muito bom. Conhecemo-los desde sempre.

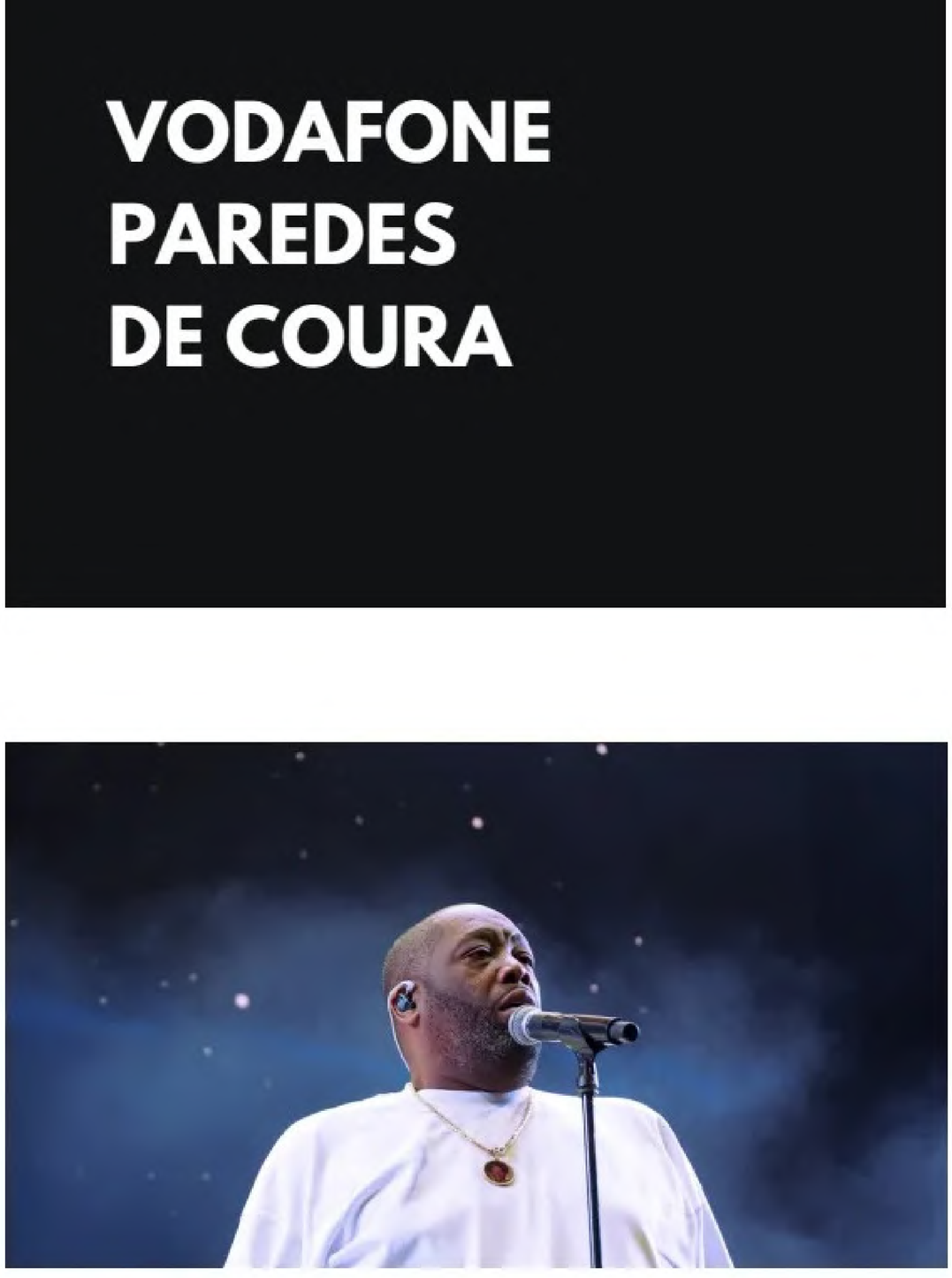
S: Sim, nós já sabíamos dessa tour. Infelizmente não há data em Portugal…

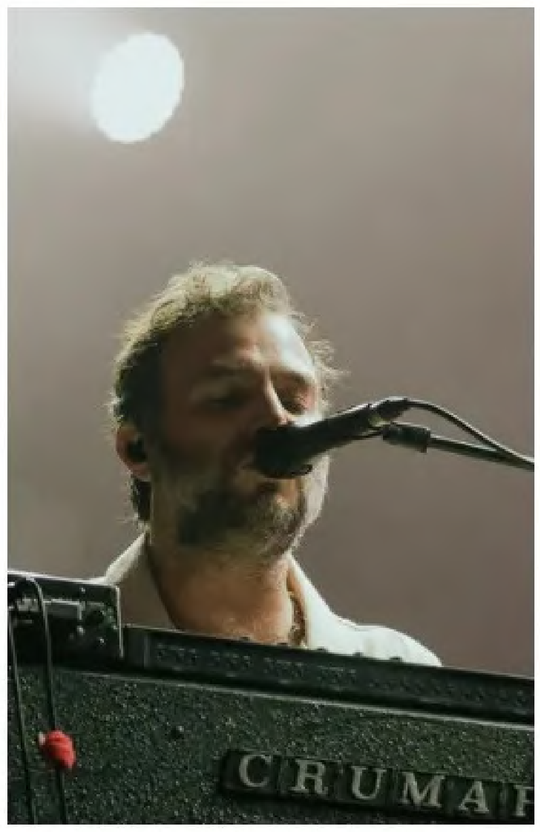
NC: Não, infelizmente. Para a próxima, esperemos.

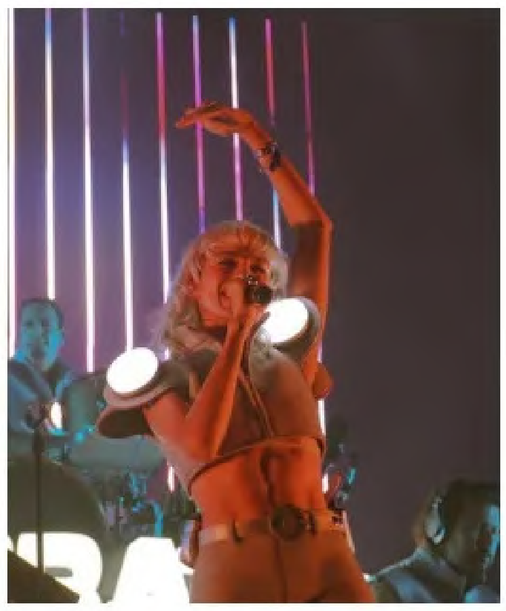


Entrevista com
as Los Bitchos, no
Vodafone Paredes de Coura

VODAFONE
PAREDES
DE COURA







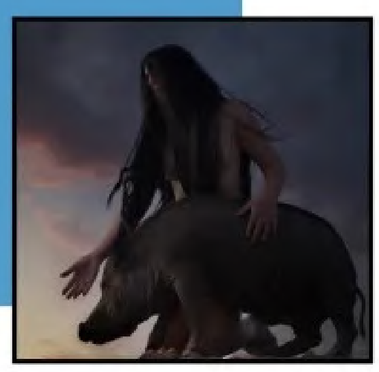
MEO KALORAMA

A música para definir os vintes dos Mannequin Pussy

Um dos discos que mais ouvi em 2024 chama-se *I Got Heaven*. É um dos meus discos do ano e o melhor álbum dos Mannequin Pussy, banda originária da Filadélfia constituída por Marisa Dabice (voz, guitarra, outros instrumentos), Kaleen Reading (bateria), Colins Regisford (baixo, voz) e Maxine Steen (guitarra), até ao momento.

Há tanto para gostar em *I Got Heaven*. Para começar, como soa. Cristalino, mas pujante. Depois, como demonstra a evolução dos Mannequin Pussy enquanto banda. Ao seu quarto longa-duração, o segundo editado pela Epitaph, os Mannequin Pussy aprimoram a sua capacidade de escrever canções que desenvolveram no excelente (e apropriadamente intitulado) *Patience*, de 2019. Se *Patience* provou que os Mannequin Pussy eram capazes de fazer canções sem esquecer a sua raiz punk e hardcore, *I Got Heaven* é um daqueles álbuns onde uma banda se encontra na plenitude das suas capacidades.

"I Got Heaven" – 2:59
"Loud Bark" – 3:04
"Nothing Like" – 4:09
"I Don't Know You" – 3:44
"Sometimes" – 3:28
"Ok? Ok! Ok? Ok!" – 2:11
"Softly" – 3:27
"Of Her" – 1:34
"Aching" – 1:28
"Split Me Open" – 4:01



Acima de tudo, *I Got Heaven* relembra: o hardcore pode ser o que bem quisermos. No caso dos Mannequin Pussy, a sua versão de hardcore não esquece a velocidade do género nem a sua capacidade catártica de comunhão. Porém, se nos dois primeiros discos da banda isso definia a sua música, agora os Mannequin Pussy sabem como gerir essas características para fazer grandes canções. Em *I Got Heaven,* bebem do grunge, do *quiet/loud* de uns Pixies, do punk riot grrrl de umas Bikini Kill ou Sleater-Kinney, do quasi-shoegaze dos Pumpkins. A partir do ruído e da textura, os Mannequin Pussy extraem muito sentimento e emoção. Em "I Got Heaven", malhão que abre o disco com quem partilha o nome, apercebemo-nos logo disso. Quando a voz de Marisa Dabice troca entre melodia e gritos (contra a opressão, naturalmente), os Mannequin Pussy jogam num terreno que lhes é muito favorável: da dissonância, da incerteza, da raiva. É banda sonora adequada a uma matança de Kill Bill: *"I am spiteful like a god / Seek a vengeance like the rest / For what they did to you / I will never lay to rest"*.

Os Mannequin Pussy até podem querer incendiar coisas (e quem não nos dias de hoje?), mas pelo caminho, não esquecem que é necessário estar vivo para fazer isso. Em "I Don't Know You", rodeada por paisagens shoegazianas *à la Siamese Dream*, a ansiedade e a excitação de sentir borboletas na barriga vem ao de cima. Quando Marisa afirma que *"I know four, five, six, seven ways to get ahead / But I wouldn't know how to get you into my bed"*, quantos de nós já não estivemos nessa situação? De querer rever alguém e não saber que palavras dizer quando finalmente reencontramos essa pessoa? De seguida, relembra, na magnífica "Sometimes", uma das melhores canções rock de 2024, o seguinte: *"Why'd you go and take your life and try to fit it into mine? / I know that it's not right for us to stay"*. O refrão explode imediatamente e o nosso coração também. A distorção são só os bocados dele espalhados por todo o lado.

Odiar, amar ("Split Me Open"), desejar ("Nothing Like"), tudo isso faz parte daquilo que os Mannequin Pussy comunicam. É por isso que é música rock excitante. Faz-nos sentir jovens, com vontade de gritar, de dançar e moshar (olá "OK? OK! OK? OK!" e "Aching"), de sermos livres. Há alguns dias, uma amiga dizia-me que uma das grandes razões para viver era de experienciar as múltiplas complexidades de uma relação. Dar beijinhos a amigos, começar novas experiências, viver uma *situationship* intensa onde cresces com a outra pessoa, ter um namorico parvo. É suposto passarmos os nossos vintes a sentirmos mil e uma coisas e experienciarmos mil e uma situações diferentes. É suposto ser confuso.

Pode parecer parvo ou até clichê, mas é esse sentimento de confusão onde a música dos Mannequin Pussy assenta que nem uma luva. Era bem possível que *I Got Heaven* pudesse ser a banda sonora de um *coming of age*. Em "Loud Bark", canção onde a devoção aos Pixies dos Mannequin Pussy se faz escutar, Marisa atiça-nos sobre tudo isto: *"I want to be a danger / I want to be adored / I want to walk around at night while being ignored"*. São estas as canções que vão definir o que resta dos meus vintes. Espero que os vossos também.